



## Vale do Itajaí e Nordeste de Santa Catarina

Nessas regiões, destaca-se a arquitetura produzida a partir dos dois mais importantes núcleos coloniais estabelecidos no estado: a Colônia Blumenau, no Vale, e a Dona Francisca, na região nordeste. Fundadas praticamente à mesma época (a primeira em 1850 e a segunda um ano mais tarde), as duas colônias produziram, juntas, o que talvez seja o maior – numericamente – e mais surpreendente conjunto da arquitetura teuto-brasileira do país. As soluções adotadas obedeceram a parâmetros muito semelhantes em ambas, embora se registrem particularidades específicas em cada uma dessas colônias.

Trata-se de dois empreendimentos originalmente privados, onde predominou, desde o início, a presença de colonos alemães. Blumenau veio a tornar-se colônia oficial e recebeu, a partir de 1875, grande número de imigrantes italianos, seguidos de poloneses, estabelecidos nas periferias do



Em Joinville podemos perceber, muitas vezes, a existência de um módulo básico, com simetria na fachada, composta por porta central e duas janelas (6). A evolução deste módulo é percebida através da incorporação de anexo lateral e varanda frontal (1 e 3). Outra característica própria da região da antiga Colônia Dona Francisca em Joinville é o posicionamento da cozinha (já como um anexo) e os ranchos, contíguos à casa, nos fundos (2 e 4), diferentemente do que ocorre no Vale do Itajaí, onde a disposição da casa e dos ranchos formam um pátio de serviço (7 e 8).

A tonalidade dos tijolos (5) também é diferenciada em relação ao Vale.



- 1 e 2 - Casa Alvino Fleith [JVE023], na Estrada do Pico, em Joinville.  
 3 - Casa Eugênio Hardt [JVE040], Estrada Dona Francisca, Joinville.  
 4 - Lateral da casa Otto Schwisky [JVE042], na Estrada do Quiriri, Joinville.  
 5 - Detalhe da fachada frontal da Casa Amadeu Godard [JVE104], Joinville.  
 6 - Casa João Carlos Seefeldt [JVE009], Joinville.  
 7 - Pátio de serviço da Casa Valmor Klohen [TIO010], em Timbó.  
 8 - Pátio de serviço da casa Wendelin Siewert [POD012], em Testa Alto, Pomerode.

empreendimento. A Colônia Dona Francisca, da qual deriva o atual município de Joinville, permaneceu particular, embora tenha contado sempre com consideráveis investimentos do poder público. Contingentes significativos de poloneses chegaram na colônia a partir do final do século XIX.

As construções enxaimel e de alvenaria autoportante de tijolos aparentes excepcionalizam a arquitetura das duas colônias, especialmente no Vale do Itajaí, embora tanto lá quanto na antiga Dona Francisca esses tipos de edificação equivalham, em número, aos edifícios rebocados.

Desde a sua implantação, as duas colônias permaneceram semi-isoladas durante muito tempo, formando espécies de núcleos alemães no sul do Brasil. Imagina-se que isso tenha contribuído para a implementação e o desenvolvimento de uma arquitetura baseada, fundamentalmente, nas técnicas construtivas trazidas da Alemanha, apenas adaptadas às condições locais de clima, necessidade de fixação no lote e disponibilidade de materiais. Formou-se uma solução híbrida entre técnica e necessidade de adaptação local, um pouco diferente dos resultados derivados da associação entre técnicas teuto e luso-brasileiras da Colônia São Pedro.

A chegada de italianos e poloneses (entre outros), alguns anos após a implementação da Colônia Blumenau, fez surgir uma nova mescla, que incorpora elementos clássicos da arquitetura italiana e particularidades da tradição polonesa em estruturas enxaiméis, dando origem a um novo tipo de hibridismo.

A arquitetura dos imigrantes italianos e poloneses em Santa Catarina é decorrente de migrações mais recentes (final do século XIX), e as chances de conhecimentos e informações preestabelecidos aumentaram bastante. Meios de comunicações mais evoluídos, transporte rápido (navios a vapor e estradas de ferro), correios e telégrafos disponíveis, revistas, fotos, livros e catálogos disponibilizados mais facilmente e em maior número, permitem admitir que a arquitetura desse período tenha mantido mais vínculos com as construções urbanas e com as construções de suas áreas de origem. Por esta razão, partimos do pressuposto de que as construções produzidas por esses imigrantes se basearam mais em modelos urbanos e rurais de seus países de origem, numa época em que o mundo caminhava a passos largos para o universalismo do eclético e, portanto, a dose de adaptabilidade e de inovações muitas vezes foi menor. Como resultado, a relação dessa arquitetura com seus modelos de gênese é mais direta e quase sempre localizada na Europa.

Em Santa Catarina, é possível notar consideráveis diferenças entre as construções de imigrantes italianos edificadas no sul do estado e na



região do Vale do Itajaí. Como notou César Floriano<sup>8</sup>, no Vale, os italianos foram despachados para os limites da colônia e acabaram por valer-se de várias das tradições desenvolvidas anteriormente pelos imigrantes alemães. Nessa região, não existem casas de cantaria e nem mesmo edificadas em pedra. Via de regra, os italianos construíram valendo-se da madeira – na época disponibilizada por serrarias espalhadas por toda a região – e, principalmente, dos tijolos – material básico dos edifícios teuto-brasileiros. Registram-se inclusive, entre os italianos, casas construídas com a técnica enxaimel, mais simplificadas que as de origem alemã, mas, de qualquer forma, claramente baseadas nas construções teuto-brasileiras. No sul do estado, não existem edifícios enxaimel relacionados com os italianos. Em contrapartida, registram-se várias construções em pedra, inclusive em cantaria. César Floriano define bem essas diferenças, quando separa a produção da arquitetura dos primeiros imigrantes italianos no estado nessas duas áreas.

Para a Colônia Príncipe Dom Pedro, vieram imigrantes

No Vale do Itajaí, especialmente nas regiões da antiga Colônia Blumenau, a arquitetura teuto-brasileira difere daquela encontrada em Joinville. O tom avermelhado dos tijolos destaca-se na paisagem. Os tramos horizontais duplos (2) são mais comuns. As casas comerciais em enxaimel mais abundantes (3). A volumetria da casa e a incorporação da varanda diferenciam-se ligeiramente (1 e 4).

1 - Casa Bruno Jandre [POD001], Testo Alto, Pomerode.

2 - Casa Hugo Rahn [POD013], Testo Alto, Pomerode.

3 - Comércio Weege [POD062], Testo Rega, Pomerode.

4 - Casa Lemke [POD010], Testo Alto, Pomerode.



provenientes de Trento, Vêneto (atual Piemonte) e Lombardia, ocupando os atuais municípios de Botuverá e Nova Trento, entre outros. Segundo Floriano, ao contrário dos colonos alemães, que tinham livre circulação para seus produtos, ajuda médica e uma série de outros serviços e infra-estrutura à sua disposição, os imigrantes italianos foram instalados em áreas isoladas, no fundo dos vales. Permaneceram na condição de agricultores por muitos anos, enquanto que os alemães conseguiram acumular mais riqueza e prosperar na atividade industrial.

Existe um acervo construtivo representativo na região de Nova Trento, principalmente o de cunho religioso.

“As construções religiosas da região apresentam grande apuro formal, tanto a nível exterior quanto interior. Planta de nave única e altar-mor, apresentam variações em relação à torre do sino, que pode ser isolada ou no centro da construção. Quanto às residências, podemos observar a predominância de um partido vertical, de cobertura em quatro águas, sendo que o segundo pavimento apresenta dimensões com pé direito bem inferior ao andar térreo, conferindo à construção um volume bem particular. A presença das cimalthas é constante, assim como a planta simétrica. As construções, quase sempre em tijolos, não apresentam nenhuma referência da arquitetura teuto-brasileira.”

Já os italianos que se estabeleceram no médio vale do Itajaí-Açu e do Itajaí-Mirim receberam forte influência do contexto germânico em todas as etapas de fixação. Assim acontece na região de Rodeio e Rio dos Cedros, onde casas enxaimel são habitadas por moradores de sobrenome italiano.

“São referenciais importantes desta região a casa do mestre-construtor Fiamoncini em Rodeio, que apresenta uma casa térrea com grande apuro formal, servindo de modelo para a maioria das residências urbanas surgidas no início do século em Rodeio e arredores. A casa da família Buzzi [ASC001], em Ascurra, que apresenta uma volumetria de dois pavimentos e cobertura em quatro águas, onde se observa todo um repertório da arquitetura vernácula da área rural italiana (...).”

As casas italianas guardam, em sua maioria, relação com a arquitetura teuto-brasileira, mantendo as telhas rabo de castor, inclinações acentuadas de telhados e sendo edificadas em alvenaria autoportante de tijolos aparentes e também enxaimel. Resumindo, a arquitetura é baseada na tradição alemã, da qual derivam os volumes, as soluções estruturais do telhado e do corpo dos edifícios, influenciando a tipologia das fachadas e a organização das plantas.

A influência dos italianos que chegaram no Vale do Itajaí a partir de 1875 é sentida, na arquitetura, pela inserção - dentre outros elementos - dos arcos plenos na composição de fachadas e varandas das casas.

- 5 - Casa Merini [ASC002], em Ascurra.
- 6 - Casa em Pomerode.
- 7 - Casa em Jaraguá do Sul, na localidade de Garibaldi.
- 8 - Casa Vittorio Schiocket [JGS036], em Nereu Ramos, Jaraguá do Sul.



Quanto à solução de plantas, a característica que mais se destaca quando da incorporação do elemento italiano deve-se à separação do volume da cozinha do resto do corpo da casa que, no caso alemão, já havia sido incorporada à estrutura principal. Situada agora na lateral do bloco que abriga sala e quartos, a cozinha é separada por um estreito corredor e interligada por uma pequena passagem coberta. São exemplos relevantes desse tipo de adaptação a Casa Dalcanale [RCD020], em Rio dos Cedros, e a Casa Zimath [TIO007], em Timbó.

Mais facilmente identificadas na arquitetura residencial, essas misturas podem ser também encontradas na arquitetura religiosa, como, por exemplo, a frequência de torres centrais e elementos neogóticos incorporados em igrejas italianas da área rural.

Em alguns lugares, onde os colonos italianos provinham de outras regiões e se mantiveram mais afastados dos núcleos originais alemães, encontramos exemplares que se aproximam mais de uma arquitetura clássica italiana. Essa característica reflete-se nos volumes, nas proporções, nas estruturas de telhado e na técnica construtiva empregada. É o caso de algumas construções em Ascurra (como a Casa Buzzi [ASC001], por exemplo) e na localidade de Guaricanas, no mesmo município. Uma especulação que se faz a respeito remete diretamente à origem dos imigrantes ingressos nessas localidades, segundo a análise de Beatriz Pellizzetti<sup>9</sup>:

“Com exceção de São Pedrinho, Ascurra e Guaricanas, a maioria imigrante vinha da Áustria, ou seja, do Tirol meridional. [...] Em 1891 vieram muitos imigrantes húngaros, a maioria de fala germânica. Estes transpondo os montes instalaram-se na colônia Jaraguá”.



Planta baixa e elevação frontal da Casa Zimath [TIO007], em Timbó. Influência italiana na planta com separação da cozinha e comedouro do resto do corpo da casa.

## Sul do estado



Casa de Felix Canever [ORL003],  
Palmeira Alta, em Orleans.

No sul do estado, a mistura com o elemento luso-brasileiro é característica predominante. Para essa região vieram, a partir de 1877, imigrantes provenientes do Vêneto, Lombardia (atual Trento), Friuli e Emília Romagna. Foi influenciada por cidades como Laguna, Tubarão e outras vilas litorâneas. Os núcleos mais homogêneos são Urussanga, Orleans e Nova Veneza, onde, além da arquitetura, preservaram-se dialetos e cantigas.

Os assentamentos apresentam claras influências da Itália setentrional. “São conjuntos compostos por: residências, cozinha, moinho, estala construídas em pedra, tijolo ou madeira, onde predominam detalhes como: cantina no porão construída em pedra, sótão de pouca altura, pequenas janelas alinhadas, além de cimbalhas em cantaria de pedra e lambrequins de madeira.” Por exemplo, o conjunto da Família Bratti [NNV017a], em Nova Veneza, considerado “o mais excepcional conjunto de edificações construído em taipa de pedra da região sul de Santa Catarina”.

Os exemplares mais expressivos dessa região são edificados em alvenaria de pedras aparentes. A maioria das construções é térrea, embora existam os sobrados. As plantas tendem ao retangular, quase quadrado, prevalecendo o uso residencial, usualmente com a cozinha separada do corpo principal da casa. É grande o número de casas de madeira e de alvenaria rebocada, que em geral preservam as soluções funcionais e a volumetria das construções derivadas dos imigrantes italianos.

As casas de madeira raramente são pintadas e apresentam tonalidades escuras, tendendo ao negro. Conservam todas as características das casas de imigrantes confeccionadas em pedra ou tijolos. As esquadrias mantêm padrões próprios e as proporções são sempre esmeradas. Os imigrantes provenientes da Itália trouxeram consigo muito da tradição erudita de construir com que conviviam na Europa.

O Conjunto da Família Bez Fontana [URS003], em Urussanga, é um dos principais exemplos em madeira da região, conservando em perfeito



estado o sobrado residencial em madeira, atafona, serraria, marcenaria e descascador de arroz movido a água.

Nas casas, preponderam os partidos de fachada cuja base é o pavimento térreo valorizado por fundação alteada, forte modulação das aberturas, (cujos requadros são freqüentemente trabalhados, principalmente quando confeccionados em pedra), composição simétrica e beirais recortados. Essas regras são gerais e se mantêm nos sobrados, sejam eles edificadas em cantaria, alvenaria de tijolos ou madeira. Registra-se também, no Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina, uma segunda tipologia, onde o sótão se incorpora, formando nova composição – em que continua preponderando o pavimento térreo. Esse partido plástico e funcional (permite o uso do segundo pavimento) resulta no térreo valorizado por um prolongamento da altura das paredes, de modo a receber uma segunda linha de janelas, colocada sobre as aberturas do térreo, sempre em proporções menores, e normalmente muito próximas ao beiral, como, por exemplo, a casa da Família Bez Fontana [URS003].

Nas construções de alvenaria rebocada, são comuns os ornatos em argamassa, muitos deles reproduzindo elementos clássicos. As igrejas estão sempre presentes, muitas delas com torres separadas da nave – à maneira

No sul, entre as casas de influência italiana destacam-se as construções em pedra aparente (4) ou rebocada, além das casas de madeira sem pintura(2), a planta com a cozinha separada da casa (1), os sobrados, alguns com varandas frontais (3). A estrutura do telhado também é peculiar (5, 6 e 7). Muitas vezes, as ripas colocadas paralelamente ao sentido da telha são de palmito. As telhas utilizadas são invariavelmente do tipo “capa e canal”.

- 1 - Casa em Orleans, no caminho para Urussanga.
- 2 - Casa da propriedade da Família Bez Fontana [URS031], na localidade de Rio América Baixo, Urussanga.
- 3 - Casa Cittadin [URS090], em Santaninha, Urussanga.
- 4 - Casa de pedra da Família Bratti [NW017a], em Nova Veneza.
- 5 - Casa Petersen, em São Martinho.
- 6 - Casa Canever [ORL003], Orleans.
- 7 - Casa Família Bocardo [URS091], Urussanga.





dos campanários da Itália. Várias são pintadas internamente, com motivos que lembram o mármore e os afrescos da terra de origem dos imigrantes.

A estrutura dos telhados, sempre em madeira, apresenta peculiaridades, sendo confeccionada de maneira que os caibros estejam dispostos paralelamente às fachadas, com o que as ripas acompanham as fiadas de telhas, ao contrário da solução adotada na arquitetura luso-brasileira e nas construções dos demais imigrantes. Os telhados são menos inclinados e as telhas mais utilizadas são do tipo capa e canal.



Casa Waldemiro Struck [SBS010], na estrada Dona Francisca, em São Bento do Sul. Composição e volumetria diferenciadas daquelas encontradas no Vale do Itajaí.

## Norte

No norte do estado, a arquitetura apresenta volumetria característica, com telhados maiores e por vezes mais inclinados do que no Vale do Itajaí ou no nordeste de Santa Catarina. Essa particularidade, presente tanto nas casas de alvenaria quanto nas de madeira, evidente inclusive nos ranchos, influi na configuração da estrutura dos telhados, que quase nunca prescinde de linhas altas, além de contar frequentemente com apoios longitudinais intermediários, raros na arquitetura teuto-brasileira.

Preponderam os imigrantes poloneses, chegados à região através da divisa com o Paraná, no período em que era grande a disponibilidade da madeira como material construtivo.

A arquitetura apresenta-se em construções de madeira ou alvenaria autoportante de tijolos, quase sempre rebocados, embora existam bons exemplares em tijolos à vista. As construções em madeira são variadas, contando com exemplares de arquitetura religiosa, comercial e de lazer. São comuns, em toda a região, os edifícios que apresentam a fachada construída em alvenaria de tijolos e as demais paredes, externas e internas, em madeira, especialmente na cidade de Mafra.

A planta das casas mantém o padrão básico encontrado em Blumenau e na Dona Francisca, mas são muito mais comuns os corredores

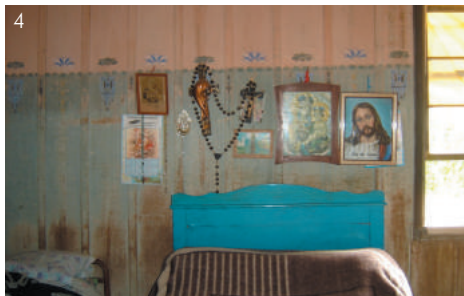
centrais, que interligam a porta frontal com os compartimentos dos fundos da casa.

As construções em madeira conheceram grande longevidade em toda a região. Existem exemplares muito antigos, ligados às primeiras décadas da ocupação, até meados do século XX, quando os partidos plásticos e os programas funcionais já exigiam soluções maiores e mais complexas.

Outra característica marcante da influência eslava na região está relacionada ao emprego das cores azul, rosa e verde, em tonalidades específicas, na pintura externa e interna de casa e edificações de uso comercial e recreativo, dentre outras. O emprego alternado dessas três cores forma composições inesperadas, reforçadas pelo uso de tonalidades fortes nas esquadrias.

Elementos na forma de losangos – como uma espécie de pequenos óculos – estão presentes em aberturas nas empenas, na altura do sótão ou ventilando o telhado. Devido à sua ocorrência freqüente, podem ser considerados como uma marca registrada da presença eslava em todas as áreas onde esses imigrantes estiveram.

Importantes em toda a região, as igrejas e capelas – além dos oratórios – são comuns ao longo das estradas e em todos os núcleos urbanos e rurais ligados à colonização polonesa e ucraniana. Como se sabe, a religião ocupa papel de destaque nessas sociedades, o que se reflete no número, nas dimensões e no esmero construtivo das construções religiosas.



Muitos são os elementos que identificam a influência eslava na região norte de Santa Catarina. O município de Itaiópolis é dos que mais concentra essas características. A influência polonesa é sentida desde São Bento do Sul, que já possui nas suas propriedades rurais, características diversas daquelas existentes no Vale do Itajaí. A volumetria e a configuração dos conjuntos rurais (1 e 2), a presença de elementos losangulares nas empenas e fachadas (3 e 5), o uso predominante das cores rosa, azul e verde, tanto no interior (4) como no exterior das casas, são alguns dos elementos que dão cores à paisagem cultural da região.

- 1 - Conjunto rural no bairro Serra Alto, em São Bento do Sul.
- 2 - Casa Edeltraud Eichendorf [SBS002], na Estrada Dona Francisca de São Bento do Sul.
- 3 - Casa Verônica Pieckzarka [ITP004], em Alto Paraguaçu, Itaiópolis.
- 4 - Interior da casa Levandoski [ITP021], na localidade de Moema, Itaiópolis.
- 5 - Casa Lúcia Buba [ITP003], Alto Paraguaçu, Itaiópolis.

A marca registrada da arquitetura religiosa do norte do estado são as cúpulas metálicas, formadas por bulbos, presentes na quase totalidade das numerosas igrejas e capelas que pontuam a paisagem de toda a região.



Comércio Haut [POD063], Testo Rega, Pomerode.

## FUNÇÕES DA ARQUITETURA

### Arquitetura comercial

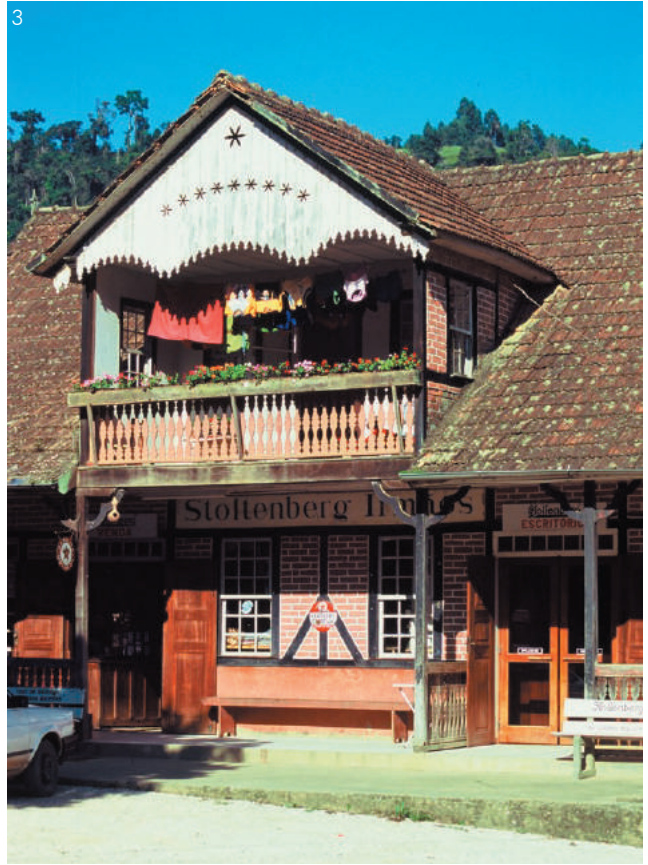
A arquitetura comercial surgiu junto com o nascimento das colônias, suprimindo as necessidades de seus integrantes desde os tempos de pioneirismo.

Sob o ponto de vista econômico, mais que a atividade industrial, o aspecto mais importante para o crescimento colonial foi o desenvolvimento do comércio. “Nas colônias mais antigas, o comerciante local controlava tanto a compra e venda de mercadorias quanto o sistema de transportes. Havia uma associação entre a “venda” (denominação dada à casa comercial) e a picada, isto é, em cada picada se instalava um comerciante.”

As casas comerciais, tanto rurais como urbanas, funcionavam não só como venda, mas exerciam a função de casas bancárias, aceitando depósitos e emprestando dinheiro. Muitos comerciantes agregavam outras atividades ao seu negócio, possuindo engenhos de farinha ou açúcar, serrarias e outros. Podiam ser considerados como “donos” da economia local e eram os únicos capazes de acumular capital.

Segundo Seyferth<sup>10</sup>, as casas comerciais foram um dos embriões da atividade industrial, a partir da qual surgiram as primeiras fábricas de “fundo de quintal” que, em pouco tempo, deram origem a algumas das grandes indústrias locais.

A casa comercial Stoltenberg, em Vidal Ramos [VDR001], é um exemplo dessa magnitude, onde o dono, além de comercializar os produtos



trazidos de vários lugares, mantinha no local – e a família mantém até hoje – uma serraria, possuía criação de porcos, plantação de fumo, juntamente com uma hospedaria. Esse estabelecimento comercial representou um núcleo de atração em torno do qual toda a localidade se desenvolveu e com o qual ainda hoje mantém forte ligação.

O comércio representava também um dos focos de trocas sociais. As casas comerciais eram locais de reunião e encontro, onde eram discutidos assuntos da vida social e política. Eram o ponto de chegada das informações de fora, e a partir deles os colonos se comunicavam com o mundo exterior, através de jornais, revistas e cartas que eram entregues e enviadas também no mesmo local. Juntamente com a igreja, a casa comercial monopolizava a vida social dos pequenos povoados, fato recorrente ainda hoje nas áreas mais rurais.

Distribuem-se nos centros urbanos e ao longo dos caminhos rurais, configurando-se, muitas vezes, como armazém, agregando o bar, o açougue, a padaria, a mercearia, a loja de presentes e artigos de uso doméstico ou agrícola.

A regra quase geral na implantação dos estabelecimentos comerciais é a de servirem de definidores precoces do espaço urbano, fixando os alinhamentos prediais, definindo a ambiência e delimitando o espaço público e o privado. Os estabelecimentos comerciais não fazem concessões a jardins ou qualquer outro tipo de paisagismo, guardando comumente apenas a área de estacionamento, para cavalos e carroças, nos exemplares mais antigos, para automóveis, ônibus e caminhões, nos mais recentes. Quando os edifícios comerciais estão acoplados a moradias ou aos estabelecimentos industriais, é usual que todo o conjunto acompanhe os parâmetros urbanos comuns aos estabelecimentos comerciais. A Casa Passold [POD056] (onde funcionou inclusive uma hospedagem), e a Weege [POD062], ambas em Pomerode, e o centro comercial Zimdars [BLU081], de Itoupava Rega, em Blumenau, são exemplos de implantações decorrentes do acoplamento de diversas funções em um mesmo conjunto edificado. Em Warnow, no interior de Indaial, os diversos componentes foram construídos em edifícios isolados.

A arquitetura comercial é complementar à residencial e ocorre sempre que esta se apresenta minimamente consolidada. Compensando seu menor número, os estabelecimentos comerciais são maiores do que as residências. Frequentemente formam núcleos que pontilham os caminhos rurais, agrupando comércio, depósitos, a moradia dos comerciantes e, muitas vezes, uma capela, um salão de bailes ou uma sociedade de caça e tiro. Por vezes, outras moradias vêm reunir-se ao conjunto, formando um centro urbano embrionário.

No cruzamento do acesso a Testo Alto com a estrada que liga Pomerode a Jaraguá do Sul, encontra-se o conjunto formado pelos comércios Weege [POD062] e Haut [POD063], que deu origem ao núcleo urbano/industrial atualmente em desenvolvimento; na Vila Itoupava, em Blumenau, a fixação da Casa Comercial Conrad [BLU004c] foi importante na delimitação e na fixação do núcleo.

Os estabelecimentos comerciais estão sempre situados próximos às estradas, para a qual estão voltadas suas portas principais. Vale destacar, entretanto, como particularidade, que é comum que partes do conjunto comercial tenham uma de suas empenas voltadas para a via pública, circuns-

São muitos os exemplares da arquitetura comercial nas regiões de imigração, especialmente naquelas de colonização alemã, onde o comércio tinha função econômica primordial.

- 1 - Casa Conrad [BLU004c], na Vila Itoupava, Blumenau.
- 2 - Conjunto Comércio Zimdars, Itoupava Rega, Blumenau.
- 3 - Conjunto Comercial Irmãos Stoltenberg [VDR001], Vidal Ramos.
- 4 - Casa Zummach (Haut Filial) [POD009], Testo Alto, Pomerode.
- 5 - Casa Carlos Höeschl [IDL082] (antigo secos e molhados), Warnow, Indaial.
- 6 - Comércio Passold [POD056], Testo Rega, Pomerode.
- 7 - Comércio Weege [POD062] (primeiro plano, à esquerda) e Haut [POD063] (segundo plano, à direita), Testo Rega, Pomerode.



tância rara na arquitetura residencial da região. A casa comercial existente no núcleo de Santo Antônio, em Rio dos Cedros, na estrada que liga Pomerode e Timbó, o comércio enxaimel [IDL085] do centro de Warnow, em Indaial, e o Weege [POD062], em Testo Alto – Pomerode, são alguns dos muitos exemplos dessa particularidade.

Os edifícios comerciais são edificados na mesma técnica das casas (madeira, enxaimel ou alvenaria autoportante), embora usualmente apresentem-se maiores e mais alongados, conjugando a moradia com a loja e



Na região de imigrantes, ainda é possível encontrar casas comerciais quase intecatas, como o comércio à beira da estrada que liga Alto Paraguaçu a Moema (2 e 3), em Itaiópolis, ainda em funcionamento. As cores azul e verde, característica das regiões de imigrantes eslavos são predominantes também na arquitetura comercial. Existem muitos comércios desativados, como é o caso da Casa Polaski. No seu interior ainda permanecem os móveis e alguns produtos que eram comercializados (1). Em Vidal Ramos destaca-se o estabelecimento dos Irmãos Stoltenberg (4), que comercializa, até hoje, grande variedade de produtos. Em Vidal Ramos, a edificação de madeira (7) também mantém suas portas abertas, com um grande salão de bailes no seu interior (6). A Casa Husadel (8) é destaque na paisagem da Rua XV, em Blumenau, que tem no comércio sua função principal.

1 - Interior da Casa Polaski [ITP009], Alto Paraguaçu, Itaiópolis.

2 e 3 - Interior de casa comercial na estrada que liga Alto Paraguaçu a Moema, Itaiópolis.

4 - Interior do comércio dos Irmãos Stoltenberg [VDR001], em Vidal Ramos.

5 - Vista do salão de bailes, no interior do comércio de madeira em Marçílio Dias.

6 - Vista externa do comércio de Marçílio Dias.

7 - Vista da Rua XV, onde está a Casa Husadel [BLU168], em Blumenau.

suas instalações complementares. Podem ser encontrados muitos conjuntos comerciais em todas as regiões estudadas. Quase todos os exemplares foram construídos em alvenaria autoportante de tijolos, mas existem conjuntos enxaiméis, como o de Warnow [IDL085], em Indaial, e a Casa Passold [POD056], os comércios Weege [POD062] e Haut [POD063], de Testo Alto, Pomerode. Registram-se também conjuntos comerciais mistos, além de outros que conjugam construções de várias fases, formando um todo que exemplifica a evolução da arquitetura na região, como no comércio Zimmdars [BLU081], em Itoupava Rega, Blumenau.

Em Marçílio Dias, está preservado um dos estabelecimentos comerciais de maior interesse, construído inteiramente em madeira e agregando as funções de restaurante, salão de bailes, bar e sala de jogos de sinuca.

Do ponto de vista estético e na relação paisagística que estabelecem com as localidades rurais e urbanas, os comércios também são significativos. A casa Husadel [BLU168] é importante no cenário da rua XV de Novembro, em Blumenau, assim como em São Bento do Sul, Joinville, Pomerode e Urussanga, respectivamente.

As plantas dos conjuntos comerciais são complexas, formadas muitas vezes pelo comércio propriamente dito, depósitos, instalações industriais caseiras e moradia do proprietário e sua família. O espaço de comércio é sempre único, sem divisões significativas e aberto para a via pública. É comum que apresente comunicação com os fundos do lote. A delimitação dos espaços público e privado é sempre proporcionada pelo balcão, originariamente feito em madeira. Vitrines envidraçadas, mesas e cadeiras complementam o cenário.

Os pisos habitualmente são confeccionados em madeira, registrando-se também, em construções do século XX, ladrilhos hidráulicos em áreas comerciais, varandas, cozinhas e banheiros das construções mais importantes.

## Arquitetura industrial



Antigo moinho Schwarz [SBS013], na Estrada Dona Francisca, São Bento do Sul, hoje desativado.

Na área rural, prevalece a indústria artesanal, representada por olarias, marcenarias, serrarias, engenhos, moinhos e atafonas, cada vez mais raros em todas as regiões. Essas construções estão sempre relacionadas a um rio ou pequeno córrego d'água, já que o funcionamento do maquinário, ao menos na sua origem, dava-se através de engrenagens impulsionadas por uma roda d'água. São raras as rodas d'água ainda em funcionamento, destacando-se as da propriedade Bez Fontana [URS031], em Urussanga, onde ainda funciona a marcenaria e a atafona. De extrema importância são também os maquinários do Museu ao Ar Livre em Orleans, todos ainda em funcionamento.

Do ponto de vista arquitetônico, a arquitetura industrial costuma ser despojada, lembrando os ranchos anexos das pequenas propriedades rurais. São assim as olarias, comuns na região, as ferrarias e serrarias, hoje menos frequentes e, pouco mais elaboradas, – por vezes edificadas em alvenaria autoportante – as fábricas de louças, conservas e as pequenas fundições. As queijarias e as fábricas de embutidos, como as instaladas na Casa Passold [POD056] e no conjunto comercial de Itoupava Rega [BLU081], em Blumenau, costumavam funcionar agregadas às casas e estabelecimentos comerciais. As tecelagens e fiações necessitavam de espaços fechados e várias indústrias como a Hering, no bairro Bom Retiro em Blumenau, a Malwee, em Jaraguá do Sul, e a Renaux, em Brusque, construíram amplas instalações de esmerada arquitetura. Entretanto, atualmente boa parte dos trabalhos desse ramo acontece no âmbito doméstico de trabalhadores terceirizados. O edifício conhecido como Casa da Represa – hoje Thapyoca –, no centro de Timbó, infelizmente mutilado por reforma descaracterizadora, era inteiramente construído em enxaimel e abrigava, na sua origem, um moinho e um descascador de arroz.

Vários desses edifícios guardam importantes relações com as paisagens centrais de suas cidades. São exemplos a fábrica no coração de Benedito Novo, e o conjunto Weege recentemente adquirido pela prefeitura de Pomerode, que deseja transformá-lo em amplo complexo cultural; é o mesmo caso da Fábrica da Antártica, em Joinville. O edifício da Fábrica de Papel, em Timbó é uma das construções de acabamento mais esmerado da cidade.

Cada vez mais raras, as pequenas indústrias artesanais da área rural guardam a memória das técnicas utilizadas para a produção de farinha, cachaça, telhas, tijolos, madeira para a construção, móveis, esquadrias e todo o tipo de produto essencial para a vida nas colônias.

- 1 - Engenho Helga Trapp [BLU053], na Vila Itoupava, Blumenau.
- 2 - Interior do Engenho Helga Trapp.
- 3 - Atafona Gessner, em Indaial.
- 4 - Interior do engenho no Museu ao Ar Livre de Orleans.
- 5 - Marcenaria da Propriedade Bez Fontana [URS031], em Urussanga.
- 6 - Maquinário do Engenho Helga Trapp [BLU053], Blumenau.
- 7 - Maquinário movido à roda d'água da marcenaria da Propriedade Bez Fontana [URS031], Urussanga.
- 8 - Interior da atafona Gessner, Indaial.



Em Alto Paraguaçu, Itaiópolis, uma das atrações do núcleo urbano é um moinho de trigo, em pleno funcionamento, instalado na rua principal, no coração do distrito. Uma antiga ferraria, que até há pouco preservava os antigos conhecimentos do ofício de malhar o ferro trabalhado a quente, infelizmente deixou de funcionar com a aposentadoria do artífice. Esteve por décadas instalada em um simples galpão, junto ao centro do núcleo urbano.





Edifícios da Cia Hering (1 e 2), em Blumenau.

## Arquitetura religiosa

Principal expressão da arquitetura religiosa na região de imigrantes, igrejas e capelas estão presentes em todas as colônias, desde os primeiros tempos. A capela constitui o marco inicial de muitos povoados e vilas, sendo a sua função especialmente importante entre italianos e poloneses.

A organização comunitária esteve sempre relacionada com as atividades religiosas, sejam essas católicas ou protestantes. Nos dois casos, a igreja não é uma entidade isolada, aglutinando uma série de outras funções sociais. Em alguns casos, a comunidade religiosa inclui a escola, uma área para o lazer (caso dos salões paroquiais), além de entidades assistenciais, como asilos e orfanatos oficiais.

Essa soma de funções acontece com mais frequência nas colônias italianas e polonesas, especialmente no que diz respeito à combinação religião/ atividades sociais. A vida comunitária, assim como a estruturação espacial, está, nesses núcleos, muito mais arraigada à igreja do que nas colônias alemãs. Nessas últimas, as igrejas compõem a paisagem rural e urbana, sobressaindo-se com as suas torres, mas sem interferir na espacialização. Estão dispostas ao longo das estradas, assim como quaisquer outras construções. É interessante notar como essa distinção de certo modo reflete na maior diversificação das funções arquitetônicas. Nas colônias alemãs, encontramos uma série de associações culturais e de lazer (como, por exemplo, os clubes de caça e tiro, os salões de baile, as sociedades de ginástica, etc.) que não estão presentes nas outras colônias.

Ao lado das atividades de lazer vinculadas a uma associação estão as festas ligadas às igrejas, também fundamentais na vida das comunidades até hoje. Ao lado do cunho religioso, encontra-se nessas festas uma série de atrações leigas, e a festa da paróquia fica sendo a festa da comunidade. “As festas universais da igreja – Natal e Páscoa – assumem algumas características diferentes da celebração brasileira, principalmente entre os alemães. O costume da árvore de Natal, por exemplo, foi trazido pelos protestantes alemães no século XIX. (...) A árvore foi adotada pelos brasileiros da mesma forma que o presépio latino se incorporou ao Natal dos teuto-brasileiros. Da simbiose dos dois costumes temos como decoração de Natal a árvore associada a um presépio.”

Existia também uma visível separação entre o grupo dos católicos e dos evangélicos. As razões para a discriminação voluntária dos segundos em relação aos primeiros, de acordo com Seyfert<sup>11</sup>, foram muitas. “Durante todo o período imperial, a igreja católica no Brasil foi a igreja oficial, ligada ao Estado, ficando os imigrantes evangélicos numa situação de quase ilegalidade religiosa e civil, sofrendo muitas restrições e oposição forte dos meios luso-brasileiros. Esta opinião diminuiu com a República, mas não desapareceu completamente, e foi o primeiro fator a levar os protestantes ao isolamento.”

Quanto à implantação, a arquitetura religiosa assume parâmetros próprios: as igrejas são invariavelmente voltadas para as estradas, quase sempre mais afastadas do que os demais edifícios e normalmente construídas elevadas em relação à via pública. Na implantação das igrejas, o jardim também está comumente presente, antecedendo o templo e encarregando-se de sua valorização paisagística. Palmeiras, inclusive imperiais, são usuais, assim como espécies arbóreas de médio porte, que formam uma espécie de anteparo ao edifício religioso. As primeiras ressaltam a verticalidade dos templos e valorizam consideravelmente sua ambiência no conjunto urbano edificado. É muito comum, ainda que não indispensável, o cemitério integrar o conjunto religioso de forma contígua ao templo, instalando-se ao lado ou mais amiúde nos fundos da igreja. Também é usual, em especial nas igrejas relacionadas com imigrantes italianos e poloneses, que se formem conjuntos constituídos pelo templo e por edifícios anexos, tais como a residência do padre, casas paroquiais, salões de festa, galpões etc. Por vezes, também ocorre a junção da igreja com escolas, relação que parece ter sido comum nos primórdios dos empreendimentos coloniais.

A arquitetura religiosa da região de imigrantes de Santa Catarina é quase sempre dotada de torres, que ressaltam a sua participação na paisagem rural. As torres são geralmente inspiradas em motivos medievais e permitem uma distinção imediata: as italianas costumam inspirar-se nos campanários, construídos afastados das igrejas propriamente ditas. As polonesas e ucranianas usualmente são dotadas de bulbos metálicos, construídos no topo das torres ou até mesmo da nave, fazendo neste caso, as vezes de um transepto. Já as alemãs quase sempre apresentam torres únicas, de consideráveis dimensões, colocadas no eixo de simetria dos templos.



Igreja luterana em Araponguinhas, Indaial.



Sempre que um número considerável de moradias se consolidou, configurando mais uma comunidade rural ou urbana, estabelecem-se a igreja e seus anexos, em especial o cemitério. Do ponto de vista arquitetônico, pode-se dizer que as igrejas e capelas luteranas, invariavelmente relacionadas com os imigrantes alemães, são mais modestas, despojadas de ornamentos internos e externos e quase sempre caracterizadas por uma única torre central. O neogótico é uma constante na arquitetura desses templos, geralmente construídos em alvenaria autoportante rebocada e pintados de cores neutras, como o cinza, o areia e o azul claro.

A arquitetura católica dos imigrantes alemães difere pouco de sua congênera protestante, com interiores menos sóbrios e altares onde se inserem os santos de devoção. Nos núcleos italianos e poloneses, onde o culto é sempre católico, a igreja é maior e sua arquitetura, menos previsível. Apresenta-se, comumente, com esmerados (muitas vezes ingênuos) trabalhos internos de pinturas murais, que lembram os mármore e os afrescos da tradição italiana. Essas igrejas também possuem anexos e galpões mais consideráveis: elas são os pólos das atividades religiosa e social de suas comunidades.

Curioso é constatar a diversidade em alguns modelos singelos, mas profundamente identificados com a origem de seus construtores. É o caso da Igreja Luterana [BND001] do distrito de Alto Liberdade, em Benedito Novo, com a estrutura enxaimel construída por colonos alemães; a igreja São Gervásio e São Protásio [URS093], de Rio Maior, em Urussanga, interessantíssimo exemplar construído em alvenaria autoportante de pedras aparentes (cantaria); a igreja de Rio do Júlio [JVL169], em Joinville, construída inteiramente em madeira industrializada; a igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], de Moema, em Itaiópolis, com suas torres e bulbos; a de São Judas Tadeu, em Vargem, com abóbodas de arestas e arcos ogivais confeccionados em madeira e, finalmente, a igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial, totalmente edificada com alvenaria de tijolos autoportantes e aparentes, apresentando o interior inteiramente revestido por pinturas ingênuas.

Em geral, as capelas luteranas e católicas nas colônias alemãs caracterizam-se pela torre única, central.

Já as igrejas localizadas em áreas de colonização italiana caracterizam-se pela torre lateral, muitas vezes deslocada do corpo da nave, também denominadas campanário.

- 1 - Capela na Vila Itoupava, Blumenau.
- 2 - Igreja luterana de Testo Alto [POD019], Pomerode.
- 3 - Igreja luterana de Warnow [IDL086], Indaial.
- 4 - Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], Warnow Alto, Indaial.
- 5 - Interior da capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], toda decorada com pinturas singelas, por vezes ingênuas, que remetem ao uso do mármore e a estruturas ogivais de igrejas italianas.
- 6 - Igreja luterana de Ribeirão Liberdade [BND001], em Benedito Novo. Uma das únicas igrejas enxaimel existentes ainda hoje.
- 7 - Igreja de São Gervásio e São Protásio [URS093], em Rio Maior, Urussanga, região de colonização italiana.
- 8 - Igreja de São Luiz Gonzaga, em Nova Trento, também de origem italiana.
- 9 - Igreja de Santo Antônio, em Rio dos Cedros [RCD019]. Localizada nas bordas da antiga Colônia Blumenau, a região foi colonizada por italianos a partir de 1875.

Merecem registro especial os vários seminários na região de imigrantes, em especial onde os grupos italianos são majoritários, e também os colégios filiados a entidades religiosas, como é o caso do Colégio Santo Antônio, em Blumenau, e o Bom Jesus/ IELUSC, em Joinville.

Os seminários são edifícios de grandes dimensões, talvez os maiores da região, construídos em alvenaria autoportante de tijolos, rebocados e tratados com ornamentos ecléticos. Conjugam atividades de educação com as funções religiosas, mas as grandes igrejas que possuem, muitas vezes acompanhadas de capelas menores, e a ênfase no ensino religioso, fazem com que assumam papel central na vida religiosa de suas comunidades. O seminário de Corupá [CRP001] é uma exceção notável: apresenta toda uma grande ala edificada em alvenaria de tijolos autoportantes aparentes e o requinte desse trabalho faz dele uma das construções mais notáveis de todo o interior do estado.

Do ponto de vista tipológico, é possível distinguir as características da arquitetura religiosa de cada uma das regiões estudadas.



No sul, prevalece a arquitetura ligada às tradições italianas, construída em tijolos (com a exceção já mencionada da Igreja de São Gervásio e São Protásio [URS093], em Rio Maior), apresentando elementos clássicos e muitas vezes com campanários laterais, destacados do corpo da igreja. Os interiores são decorados e coloridos. As igrejas e capelas do Médio Tijuca, na área de São João Batista e Canelinha, apresentam padrões equivalentes, também encontrados nos municípios de tradição italiana do Vale do Itajaí.

No Vale do Itajaí e na Dona Francisca, a preponderância é dos luteranos, resultando quase sempre em construções neogóticas, com portas e janelas dotadas de arcos ogivais e torres centrais. Raramente apresentam excepcionalidade, destacando-se a Igreja Luterana de Blumenau, singelo exemplo de fachada eclética, planta octogonal e interior austero, marcado por belo trabalho de madeira no forro, coro, púlpito e bancadas. Inaugurada em 1877, é projeto de Henrich Krohberger, auxiliar do Dr. Blumenau e funcionário da colônia. Seu sino, o mais antigo em uso em Blumenau, foi fabricado em Bochum, Alemanha, em 1873. Nas proximidades da igreja estão sepultados o

Nas regiões de colonização ucraniana, destacam-se as cúpulas (1) metálicas da tradição ortodoxa.

Em Alto Paraguaçu está a Igreja de Santo Estanislau (4), com seu interior (2) primorosamente decorado com pinturas que cobrem o teto e as paredes.

1 - Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], em Moema, Itaiópolis.

2 - Interior da Igreja de Santo Estanislau [ITP010].

3 - O altar da Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], todo entalhado em madeira entremeado com telas pintadas com imagens de santos, encontra-se hoje no interior da igreja nova, construída ao lado da antiga capela de madeira.

4 - Vista frontal da Igreja de Santo Estanislau [ITP010]. A torre com mais de 60m de altura é ponto referencial em Alto Paraguaçu, e marca a paisagem a quilômetros de distância.



sábio Dr. Fritz Muller, sua esposa e cinco de suas filhas.

Esses edifícios destacam-se mais pela presença na paisagem urbana e rural, como em Testo Alto e no núcleo central de Pomerode, ou na bifurcação do Rio da Prata, na Estrada Dona Francisca, em Joinville, entre muitas outras. Em Araponguinhas, interior de Indaial, a igreja destaca-se pela dimensão da torre frente à nave – relação impensável na clássica tradição latina preponderante no Brasil.

No norte, onde predominam imigrantes poloneses e ucranianos, encontramos uma arquitetura religiosa de singular importância. Nesses templos, ressalta-se a antiga influência bizantina, transmitida aos povos eslavos através da igreja católica ortodoxa. Originalmente construídas em madeira, foram quase todas recentemente substituídas por novas construções em alvenaria, que ainda guardam características próprias, em especial os bulbos metálicos que, em alguns casos, foram transplantados dos templos demolidos.

As igrejas dos núcleos ucranianos (Moema, Xavier da Silva e Iracema), no interior de Itaiópolis, merecem destaque especial. O exemplo de



Seminários e colégios estiveram sempre atrelados à ordens religiosas. Destaca-se, pela importância e imponência, o Seminário do Sagrado Coração de Jesus (5), em Corupá. A arquitetura do Seminário e Colégio no centro de Ascurra também é singular.

5 - Seminário Sagrado Coração de Jesus [CRP001], Corupá.

6 - Vista do pátio interno do colégio no centro de Ascurra. Influência italiana.

Moema é notável. O antigo templo, todo em madeira, não foi demolido, coexistindo lado a lado com a nova construção, em alvenaria de tijolos, que possui na sua composição os mesmos elementos que particularizam essas igrejas. O conjunto, situado em pequena elevação, de onde se descortina ampla paisagem rural, é formado pelos templos com suas torres e bulbos, que convivem com as cruzeiras do cemitério.

Em Alto Paraguaçu está a majestosa igreja de Santo Estanislau [ITP010], provavelmente o maior templo erguido pelos imigrantes poloneses no Brasil. Em estilo neogótico, marcado pela grande torre frontal, a igreja, que centraliza a paisagem urbana do núcleo, notabiliza-se pelo interior, inteiramente ornado com pinturas decorativas.

Deve ser ressaltada a produção de arquitetura religiosa relacionada com a arquitetura déco, quase sempre nas décadas de trinta e sessenta do século XX e ligadas à construção de templos católicos, como a igreja do Seminário de Ascurra ou as matrizes de Gaspar e de São Bento do Sul.

Das igrejas modernistas, o destaque é a Matriz de São Paulo Apóstolo, de Blumenau, importante projeto consagrado em 1958 e concluído em 1963 – obra dos arquitetos alemães Dominkos Boehm e Gottfried Boehm.

## Arquitetura recreativa



O Salão Hammermeister [TIO013], em Timbó, foi construído especialmente para ser um salão de bailes. Hoje abriga o Museu da Música.

Ao contrário do que acontece nas comunidades de imigrantes italianos, poloneses e ucranianos, onde a igreja é o ponto focal de todas as relações sociais, nas comunidades alemãs e luteranas as igrejas respondem quase que estritamente pela função religiosa. Nesses núcleos, as atividades sociais desenvolvem-se, principalmente, a partir da constituição de uma sociedade recreativa (de canto, de ginástica, de música e, especialmente, de caça e tiro). Essas associações tiveram um duplo papel: assumiram um caráter de cunho recreativo e/ou assistencial e serviram de coesão aos grupos étnicos.

Um dos fenômenos mais interessantes é a proliferação de sociedades esportivas e recreativas ao longo da história das comunidades teuto-brasileiras, fato que não encontra paralelo na sociedade brasileira. Sociedades de caça e tiro, de ginástica, de música e de canto são elementos que não podem faltar nas colônias alemãs, muitas delas encontradas também entre os italianos.

As instituições recreativas, como as sociedades de canto (Gesangverein), as de ginástica (Turnverein) e, em especial, as de Tiro (Schützenverein), tinham como objetivo transmitir a cultura e o espírito esportivo e associativo dos alemães aos teuto-brasileiros. Vinculados a elas existiam grupos teatrais, pequenas orquestras ou bandas de música e grupos folclóricos.

Único folguedo popular do ano, a festa tradicional dos atiradores (Schützenfest) coincidia com a Páscoa e era o momento em que os colonos viam seus companheiros, parentes e vizinhos de picada. A bandeira do clube e o uniforme dos sócios eram confeccionados na Alemanha e todos compareciam à festa uniformizados e ostentando as medalhas ganhas nas competições de tiro.

A origem dessas sociedades “pode ser encontrada nas corporações de tiro medievais alemãs, cujas tarefas práticas – auxiliar, em tempo de guerra, na defesa de burgos e castelos – eram aliadas aos festejos da primavera. Nestes, as competições de tiro motivavam toda uma série de atividades paralelas, incluindo dança, cantos, etc., realizados no campo, reunindo os habitantes das

As sociedades de ginástica, de música, teatro, canto, caça-e-tiro e literatura, entre outras, sempre fizeram parte da vida associativa nas colônias alemãs.  
Ao lado, imagens do início do século XX, no município de Mafra.

1 e 2 - Formação de “pirâmide” na Sociedade de Ginástica em Mafra.  
3 - Sociedade feminina de ginástica  
4 - Foto de 1914, da Sociedade de Atiradores, no dia da inauguração da bandeira.

FONTE: Os alemães nos estados do Paraná e Santa Catarina.



idades e os camponeses. Os ‘atiradores’, na guerra de Libertação, participaram das Landsturn (milícias), dando às sociedades de atiradores, que persistiam no campo até o século XIX, um caráter nacionalista. A luta contra Napoleão teria sido o último feito da sociedade de atiradores alemães. (...) O caráter popular das festas dos atiradores nas zonas rurais da Alemanha, no século XIX, se manteve nas regiões de colonização do vale do Itajaí, outra vez aliado ao aspecto prático. Também aqui, os atiradores, de acordo com informações obtidas nas entrevistas, formavam uma linha de defesa da comunidade – instalada numa zona pioneira, de floresta, onde os únicos habitantes eram os índios”<sup>12</sup>.



Os salões e os clubes de caça e tiro tornaram-se marcas registradas, que identificam os núcleos de imigrantes germânicos, constituindo-se em presença obrigatória na formação dos núcleos urbanos e rurais desses imigrantes. Em casos especiais, principalmente nos núcleos mais desenvolvidos, desde cedo se organizaram sociedades de ginástica e sociedades de canto, entre grupos de teatro e saraus literários, registrados já nos primórdios da Dona Francisca, de Blumenau e de Brusque. Os edifícios que abrigam essas atividades são avantajados, mas sempre construídos de maneira despojada, com as mesmas técnicas usadas nas casas e nos ranchos rurais. Caracterizam-se pelo amplo piso assoalhado, em alguns casos confeccionados sobre “amortecedores” de borracha, e por pequenos palcos, preparados para receber as bandas e os conjuntos musicais que abrilhantam os festejos. Deve-se frisar que, principalmente na área dos imigrantes alemães, as moradias absorvem parte significativa dos festejos, em especial os familiares, como casamentos, bodas, aniversários e batizados. Já nas áreas onde predominam poloneses e italianos, a igreja absorve a maior parte dos acontecimentos sociais e a arquitetura recreativa é menos comum.

Ainda assim, a atividade musical sempre foi intensa nos núcleos de imigrantes provenientes da Itália, por vezes se desenvolvendo em separado

Os salões e os clubes de caça e tiro mantiveram-se ativos nas regiões de imigração alemã.

1 - Salão Primavera [BLU012], na Vila Itoupava, Blumenau.  
2 - Fundos do Salão Primavera.



dos corais religiosos. O teatro e a literatura também tinham adeptos.

Em Alto Paraguaçu, está instalado interessante auditório, hoje utilizado como Salão Paroquial [ITP007], construído em meados do século XX para abrigar atividades teatrais e projeções de fitas de cinema.

Em Joinville, a tradicional Sociedade Harmonia Lyra<sup>13</sup>, construída em estilo eclético, abrigou até o final do século XX as principais atividades sociais e culturais da então Dona Francisca. Carlos Ficker<sup>14</sup> descreve em minúcias as atividades culturais em Joinville e a importância de Otockar Doerfell (chegado à Colônia no ano de 1854) nessas atividades. Data de 1855 a fundação da Kulturverein (Sociedade de Cultura) e da Gesangverein Helvetia (Sociedade de Canto Helvetia).

Em Blumenau, o Teatro Carlos Gomes, projetado pelo arquiteto alemão Erwin Bruner e inaugurado em 1939, passou a ser o centro cultural do próspero município.

Em São Bento do Sul, no início da extensão no planalto da Colônia Dona Francisca, instalou-se uma das Sociedades Literárias mais antigas da América, fundada em 1881 e existente até os dias de hoje.

Em Três Barras, onde recentemente a antiga hospedaria, edificada em madeira, foi criminosamente incendiada, preserva-se uma construção singular. Trata-se do cinema da empresa Lumber, utilizado também como bar e salão de bailes e festejos. Semi-abandonado, salvo circunstancialmente, apenas por estar situado em área de treinamento do exército brasileiro, o edifício guarda todas as suas características principais, inclusive o espaço do projetor de cinema, palco, balcões, gradis divisórios, esquadrias, forros e assoalhos. O velho cinema da Lumber, ao que consta um dos mais antigos das Américas, todo confeccionado com grossas tábuas de madeira, aguarda um reconhecimento de valor, capaz de transformá-lo de novo em um dos edifícios mais importantes da região em que se encontra implantado.

Sobre as construções ligadas às atividades de lazer das colônias de imigrantes, deve-se ressaltar a significância dos cinemas, alguns deles ainda cine-teatros, construídos até meados do século XX. A maioria, ligada tipologicamente ao eclétismo ou ao déco, foi palco de vivências de gerações e centros preferenciais de arte e cultura em suas cidades. O cine Bush em Joinville; o Brasil, em São Bento do Sul; e o Bush, em Blumenau, exemplificam esse importante ciclo de arquitetura do entretenimento.

3 - Teatro Carlos Gomes, Blumenau.  
4 - Clube Harmonia Lyra, Joinville.



*“E mais um acontecimento foi comentado em São Bento: no arraial do ribeirão Negrinbo (não se trata do atual Rio Negrinbo e sim do Rio da Estação, que, em 1881, ainda chamava-se rio Negrinbo) no Km. 80 da Estrada Dona Francisca, fundou-se o primeiro clube” para leitura, discussão sobre assuntos da agricultura e pecuária, e divertimentos, com o nome “Lese und Kultur Verem “Glueckauf”. (Sociedade Cultural “Boa Fortuna”).*

*Fundada no primeiro domingo de agosto de 1881, esta sociedade de cunho recreativo, cultural e instrutivo em assuntos da agricultura, contava com 24 sócios no primeiro ano da sua existência com reuniões semanais no salão do vendista Franz Neumann. [...]*

*Esta sociedade tinha por fim promover a prosperidade em todos os setores da agricultura, ajudar os colonos recém-chegados, aconselha-los e guiá-los conforme a prática; importar da Europa sementes de trigo, centeio, verduras etc. e comentar, nas reuniões, artigos publicados nos jornais da época,*

*como o “Colonie-Zeitung”, de Joinville, a “Gartenlaube” da Alemanha e outros periódicos especializados Uma vez por ano, sempre no primeiro domingo de agosto, procedeu-se um “Kränzchen” ou reunião festiva e social, com a presença dos familiares dos sócios, com música, dança e demais divertimentos. [...]*

*E mais uma sociedade foi fundada neste ano de 1881. Aos 15 dias do mês de outubro ... “um punhado de homens cultos e empreendedores da vila, formou uma sociedade com o objetivo de distrair e educar os poucos habitantes do lugarejo”.*

*Trata-se da “Sociedade Literária São Bento”, que ainda hoje existe, com sede na Avenida Argollo, e registrada no Instituto Nacional do Livro, contando hoje com mais de 128 sócios, por sinal muito ativo e com um grande acervo em livros e uma biblioteca de 10.000 livros.”*

Fonte: FICKER, Carlos. São Bento do Sul – Subsídios para sua história. Impressora Ipiranga: Joinville, 1973. Pág. 123

Dentre todos os edifícios dessa natureza, sobressai-se, pelo apuro técnico e formal da construção, o Salão Hammermeister, situado em Timbó, às margens da rodovia que liga o município a Benedito Novo.

O imponente volume é elevado em relação ao solo, tendo como acesso escadaria circular construída no eixo de simetria. É todo confeccionado em alvenaria autoportante de tijolos aparentes; apresenta requinte singular na colocação caprichosa dos tijolos, que formam desenhos geométricos por todo o edifício, mesclando tonalidades claras e escuras. Arcos de descarga, requadros e beirais também são definidos pela alvenaria aparente. Internamente, a estrutura dos telhados, de dimensões incomuns, é aparente. O piso é assoalhado, em madeira.

O Salão Hammermeister foi construído especificamente para o uso de entretenimento, tendo sido recentemente adquirido pela prefeitura municipal de Timbó e reciclado, abrigando o Museu da Música, que expõe instrumentos e informa sobre as atividades musicais do município e da região.

- 1 - Salão Flohr, Pomerode.
- 2 - Salão Belz [POD002], Testo Alto, Pomerode.
- 3 - Salão Hammermeister [TIO013], Timbó.
- 4 - Detalhe do trabalho de tijolos na empena do Salão Hammermeister.
- 5 - Vista interna do Salão Hammermeister, hoje adaptado para ser o Museu da Música.



## Arquitetura educativa



Foto de uma antiga escola em Blumenau.

As escolas sempre tiveram um papel importante nas colônias, especialmente naquelas onde predominavam os alemães. Os camponeses alemães emigrados para o Brasil eram, na sua maioria, alfabetizados, pois, desde o início do século, a escolarização infantil era obrigatória nos Estados alemães, sendo a taxa de analfabetismo bem menor nas regiões protestantes que naquelas onde imperava o catolicismo. Foi comum a organização de sociedades escolares (Schulvereine), com o objetivo de suprir as deficiências relativas à educação nas colônias. A falta de escolas nas colônias sempre suscitou críticas dos imigrantes ao governo brasileiro, que chegou a construir algumas, depois de muitos anos de reclamações. No entanto, não se pode esquecer que, no século XIX, o Brasil era um país escravocrata, sem classe média, onde o conceito de povo não estava definido, a preocupação com a alfabetização da população livre (incluindo negros, mulatos, índios, mulheres e brancos pobres) era inexistente e a escolarização era privilégio dos grupos dominantes.

O imigrante viveu por muito tempo em comunidades isoladas, praticamente sem contato com cidades e vilas brasileiras. Não via, assim, razão alguma para que seus filhos aprendessem português e, com o descaso das autoridades brasileiras na busca de soluções para a construção de escolas, muitas colônias resolveram construir e manter, por conta própria, escolas e professores. Muitas escolas comunais foram erguidas por mutirão pelos próprios colonos. Assim surgiram inúmeros conjuntos de Casa e Escola do Professor. Dezenas dessas construções pontilhavam a paisagem rural. Durante a Segunda Grande Guerra, porém, com a nacionalização das escolas e a proibição do ensino em alemão (além da interdição da língua), a maioria delas foi abandonada. Restaram poucos exemplares, dentre os quais destacam-se aquela que é conhecida como Escola nº1, na Itoupava Central, em Blumenau – possivelmente a mais antiga escola rural ainda existente no município; a Casa/Escola de Cedrinhos, em Rio dos Cedros – já tombada pelo IPHAN – , e a Casa e Escola da área urbana de Timbó. São exemplares rurais construídos em enxaimel, a técnica predileta

para a construção tanto das escolas, quanto das casas dos professores. Todos apresentam cuidados singelos, raramente presentes nas moradias dos colonos, tais como beirais trabalhados, dimensões incomuns e colocação caprichosa de tijolos aparentes.

Em São Bento do Sul, na estrada Dona Francisca, preserva-se interessante escola, edificada em alvenaria de tijolos, que apresenta, como particularidade, abrigar sob o mesmo teto e escola e a casa do professor.

As escolas comunitárias eram elemento indispensável na configuração das colônias e representavam a principal instituição da comunidade, destinada à manutenção e estímulo ao uso do idioma. Eram caracteristicamente locais e sua figura central era o colono-professor que, muitas vezes, concentrava também as tarefas religiosas e recreativas. Muitas vezes o professor era o chefe de alguma família da localidade, e por isso sobrepunha sua atividade de ensino à atividade agrícola.

Além disso, as aulas ministradas em alemão eram uma garantia à sobrevivência da língua-mãe e à manutenção da identidade alemã. É possível ainda estabelecer um paralelo entre a língua alemã e a igreja luterana:

“Devo fazer, ainda, referência a um aspecto da ideologia que norteou parte da organização escolar teuto-brasileira: a relação estabelecida entre a escola, a religião e a língua. Este aspecto está ligado à mais germanista de todas, a *Deutshevangelische Schule* (Escola Evangélica Alemã). Nesta, o valor da língua alemã era acrescido de mais um componente: foi a língua de Lutero e, por isso, tem raízes na própria religião. A contribuição de Lutero para o aperfeiçoamento do *Hochdeutsch* é considerada muito grande pelos luteranos. Nesse sentido, Lutero teria contribuído para a formação de uma língua alemã pura, separada dos inúmeros dialetos falados na Alemanha, e

1 - Escola “Número 1”, em Blumenau.  
2 - Escola e Casa do Professor Rural [RCD011], em Rio dos Cedros, tombada pelo IPHAN.  
3 - Escola (no primeiro plano) [TIO012b] e Casa do Professor [TIO012a] (segundo plano) na via Pomeranos, centro de Timbó. A casa é também conhecida como Casa Nardelli, sobrenome de seu último proprietário.



gado início a uma nova época da história da língua alemã. Nesse sentido, língua alemã e religião luterana são inseparáveis”<sup>15</sup>.

Outro tipo de organização escolar surgiu juntamente com as escolas rurais teuto-brasileiras e, em muitos casos, as substituiu. São as escolas comunais ligadas às comunidades religiosas católica e luterana, e desenvolveram-se independentemente dos governos, tanto do Brasil quanto da Alemanha. Pastores, padres e freiras foram os principais responsáveis pela sua estruturação. Tais escolas predominavam, porém, nos núcleos urbanos, e foram organizadas em uma fase mais adiantada da colonização.

“Nas escolas ligadas às igrejas, o professor era uma pessoa qualificada para a função e vivia apenas da sua profissão (quando não era um religioso), embora nem sempre bem remunerado. Além disso, ao contrário do que acontecia na zona rural, nessas escolas era ensinado o idioma português como uma das disciplinas do currículo e segunda língua dos alunos. O ensino geral, contudo, era ministrado em alemão.”

Nas áreas italianas, polonesas, ucranianas e luso-brasileiras, era comum que a igreja ou instituições religiosas absorvessem, principalmente nos núcleos rurais, as funções da educação. Até hoje esses educandários mantêm-se entre as mais importantes instituições de ensino das regiões onde predominaram imigrantes católicos.

## Arquitetura institucional

Sobre a arquitetura institucional, pode-se dizer que ela de certa forma antecede a arquitetura das colônias de imigrantes, uma vez que os ranchos comunais que abrigavam os pioneiros, quando da instalação dos empreendimentos, não podem deixar de ser vistos como construções comunitárias que, embora provisórias, eram institucionais. Desses ranchos e da posição que ocupavam, originaram-se o arruamento das cidades e alguns de seus principais logradouros, como em São Bento do Sul, onde a primeira construção deu lugar ao atual edifício da Câmara de Vereadores.

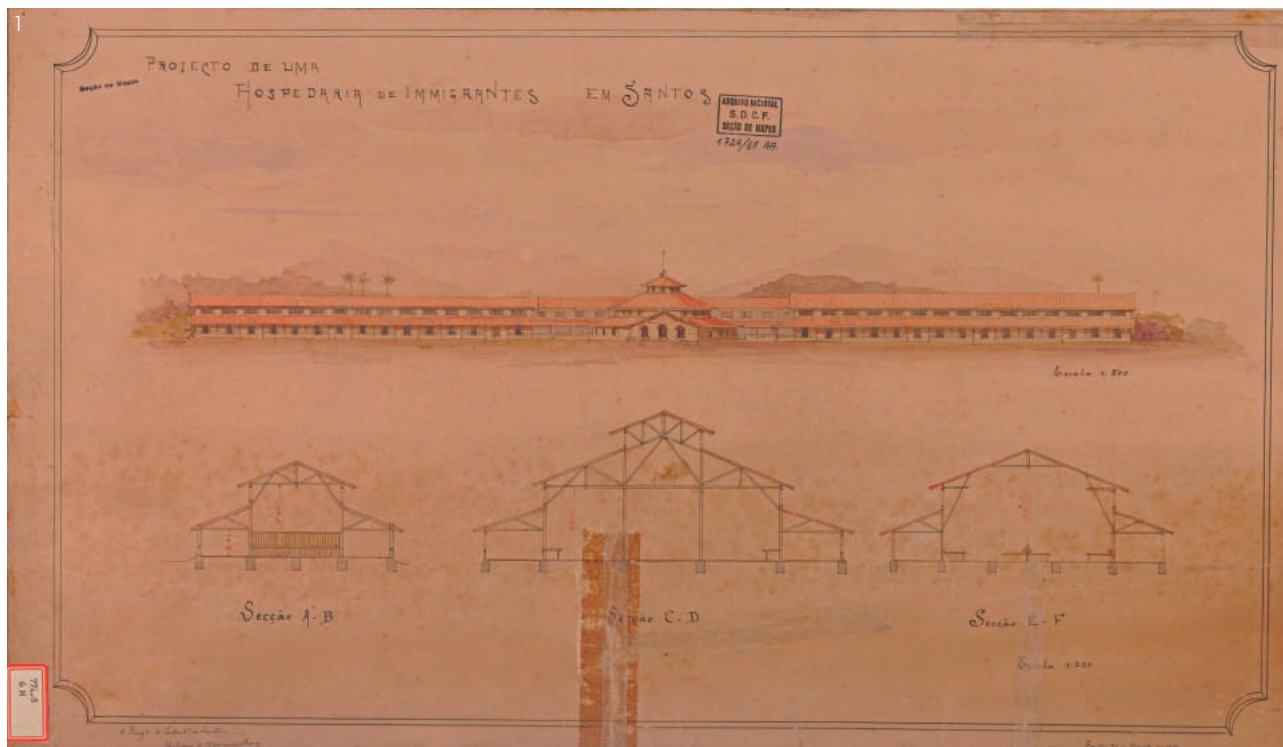
Na Dona Francisca, o estreitamento e encachoeiramento do Rio Cachoeira determinaram o local de fixação do rancho: primeiro marco construído da atual Joinville.

### A escola em Blumenau

Fundada em fevereiro de 1889, Escola Alemã teve sua obra concluída em 1892 e a partir de 1898 passa a receber uma subvenção anual da Alemanha e uma auxílio do Estado de Santa Catarina. Tal auxílio estava condicionado ao ensino da língua portuguesa e à concessão de bolsas de estudo para até 1/3 dos alunos. Na escola a língua dominante era a alemã, sendo o português ensinado como língua estrangeira, assim como o inglês e o francês. No dia 1º de abril de 1899 a escola contava com 124 alunos, tendo aulas

ministradas em 4 classes por 4 professores. Dedicava-se atenção especial à história do Brasil e, paralelamente, lecionava-se história Européia e Alemã. O objetivo da escola era possibilitar aos filhos de teuto-brasileiros a possibilidade de admissão nas faculdades brasileiras e, mais tarde, acesso ao alto funcionalismo público.

Do livro “SEYFERTH, Giralda; **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 223p.”



Como regra, entretanto, pode-se afirmar que a arquitetura institucional é quase toda formada por edifícios das primeiras décadas do século XX, construídos em especial entre 1930 e 1950, em alvenaria de tijolos autoportantes rebocados, para abrigar as Prefeituras Municipais e as Câmaras de Vereadores das colônias havia pouco emancipadas. Como esse período marcou a fase da nacionalização forçada, eles foram invariavelmente construídos em arquitetura apenas difusamente relacionada com as regiões de origem dos imigrantes. Foi o que ocorreu em municípios como Jaraguá do Sul, Timbó e, principalmente, em São Bento do Sul, onde o edifício que por muitos anos foi a sede do município lembra o ecletismo luso-brasileiro da Cadeia Nova de São Francisco do Sul, edificada na mesma época em misto de eclético e neoclássico luso-brasileiro. Em Blumenau, onde a prefeitura foi construída anteriormente ao período de repressão, a sede relaciona-se com modelos alemães do período. O edifício foi implantado, não por acaso, em pleno sítio de onde se irradiou a colônia, nas imediações do porto fluvial – atualmente Praça Hercílio Luz (Biergarten). Trata-se da mais significativa dentre todas as sedes de colônias de Santa Catarina. Em meados do século, metade desse notável edifício foi destruída por um incêndio que, além da arquitetura, consumiu muito da documentação da colônia. Transformado em centro cultural e sede da Fundação Cultural de

Não existiu em Santa Catarina nenhum abrigo de imigrantes do vulto do projetado para Santos (1). Mas todas as colônias possuíam seus barracões. Neles os colonos passavam os primeiros dias, enquanto eram registrados e tinham seus lotes de terra demarcados e distribuídos.

FONTE IMAGEM: Arquivo Nacional





Blumenau, recentemente, a área incendiada foi reconstituída, através de projeto idealizado pelo arquiteto alemão, radicado no Brasil, Hans Broos.

Infelizmente, dos antigos edifícios evidenciados em gravuras, construídos em enxaimel para administração de várias das colônias de imigrantes instaladas em Santa Catarina, nenhum sobreviveu às agruras dos tempos ou à falta de sensibilidade de muitos de seus governantes.

## Cemitérios

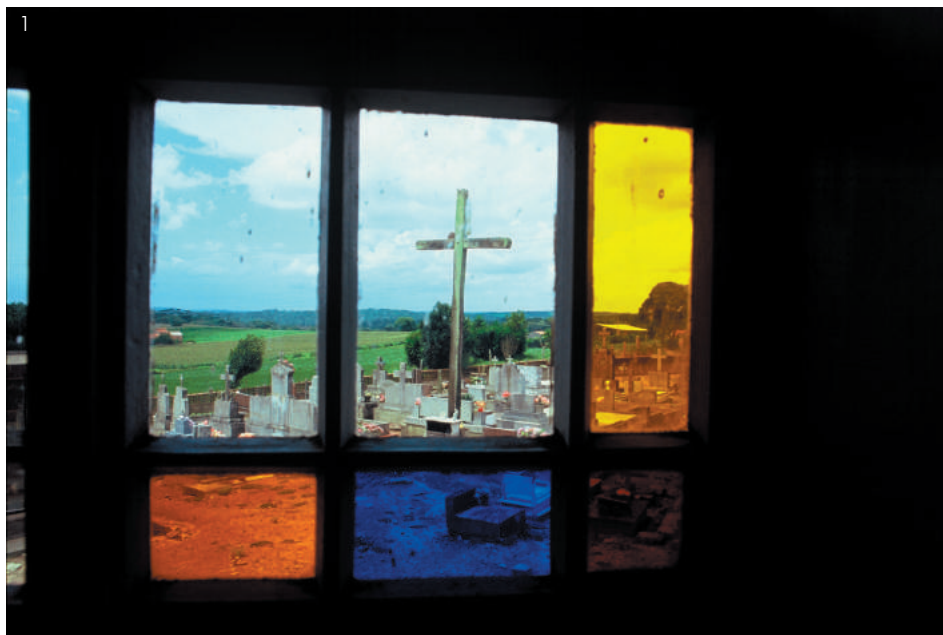


Cemitério de Rio da Luz, em Jaraguá do Sul.

Os cemitérios são elementos de destaque em todas as cidades e nos núcleos rurais, invariavelmente estabelecidos dentro das tradições religiosas e culturais de cada grupo de imigrantes. Os italianos agregam os cemitérios com as igrejas e é comum que construam sepulturas de grandes dimensões, quase capelas, edificadas em alvenaria de tijolos, ornadas com imagens de anjos e com aplicações em gesso e argamassa, muitas vezes com motivação neogótica ou neoclássica. Os poloneses acompanham essa tendência, mas seus cemitérios são mais comedidos e caracterizam-se por cruzes singelas de madeira. Em Rio Natal, no interior de São Bento do Sul, todas as sepulturas eram assinaladas por cruzes toscas de madeira, esculpidas apenas nas extremidades do topo e dos braços, onde eram gravados os nomes dos sepultados. Essas cruzes de madeira foram registradas também em Itaiópolis e em Moema. Os cemitérios alemães apresentam configurações variáveis, mas embora existam pequenas construções de alvenaria, com nichos adornados por pequenas estátuas, as sepulturas costumam ser despojadas. Muitas são assinaladas por lousas gravadas com recomendações e citações religiosas sucintas, acompanhadas pelos nomes e as datas de nascimento e falecimento dos sepultados. São comuns as cruzes metálicas (que eram encomendadas na Alemanha) – muitas delas com dimensões e acabamentos impressionantes. Merecem registro especial as lápides de porcelana pintada, onde são comuns os motivos florais, entre breves citações com o nome dos falecidos e datas de nascimento e morte. Aparentemente, foram produzidas nas próprias colônias.

1 - Antiga prefeitura de Blumenau, hoje Secretaria de Cultura, com salas de teatro, exposições e oficinas.  
2 - Prefeitura de Campo Alegre.

Já existe um cemitério alemão tombado pelo IPHAN – o Cemitério dos Imigrantes de Joinville –, onde estão sepultados vários dos pioneiros da antiga colônia Dona Francisca. Existem diversos outros cemitérios notáveis na antiga Colônia São Pedro, em Blumenau, na Dona Francisca, no interior de Indaial e em quase toda a região de imigrantes italianos e poloneses.



Os cemitérios integram a paisagem das regiões de imigrantes. Suas singularidades estão atreladas às especificidades de cada religião e grupo étnico dos imigrantes.

1 - Vista do cemitério da Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], na região de colonização ucraniana em Itaiópolis.

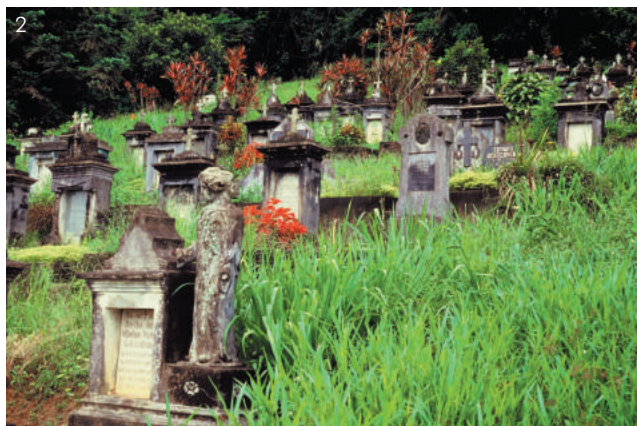
2 - Cemitério da margem esquerda do Rio Teste [POD008], em Teste Alto, Pomerode.

3 - Cemitério da Mulde, em Indaial.

4 - Cruz de madeira, com detalhes trabalhados, no cemitério de Antônio Carlos, na região da grande Florianópolis.

5 - Cruz de ferro, também no cemitério de Antônio Carlos.

6 - Cruzes de madeira no cemitério da Igreja de São Pedro e São Paulo [ITP025], em Moema, Itaiópolis.



## Arquitetura residencial

As casas de moradia dos pequenos agricultores são a base da sociedade e da arquitetura da região de imigrantes de Santa Catarina. Empreendimentos rurais baseados na distribuição de numerosos lotes a colonos provenientes da Europa, as colônias de imigrantes só podiam se caracterizar pela profusão de moradias, correspondentes a cada lote e construídas na escala das possibilidades dos minifúndios e dos seus ocupantes. Assim, um grande número de moradias de pequenas proporções – executadas com os cuidados inerentes ao fato de terem sido edificadas com a participação direta dos proprietários e de suas famílias – constitui o maior demonstrativo construído do episódio da imigração, sua evolução e seus desdobramentos. São bens numerosos, construídos quase sempre dentro das especificidades culturais de seus construtores e proprietários, distribuídos às margens dos caminhos rurais, agregando ranchos e anexos ao conjunto residencial. Seus volumes característicos, formados pelos panos dos telhados, marcam as paisagens regionais.

A partir da análise da casa dos imigrantes, é possível constatar o quanto o contexto histórico, geográfico e econômico influi no comportamento humano. A organização funcional da moradia reflete a forma mais íntima de arranjo social – o das relações familiares. Verificamos que indivíduos de contextos culturais tão diversos quanto os italianos – latinos do Mediterrâneo –, os alemães – germânicos do centro da Europa – e os poloneses e ucranianos – eslavos dos limites da Europa com a Ásia –, ao estruturarem seu espaço familiar no ambiente brasileiro, aproximam-se extraordinariamente de uma forma organizacional comum. Esse fato evidencia que, provenientes de várias regiões do planeta, os imigrantes e seus filhos não tardaram a se tornar cidadãos da terra que os acolheu.

Efetivamente, as casas dos imigrantes italianos, alemães, poloneses e ucranianos apresentam poucas diferenças entre si no que se refere ao arranjo dos espaços de vivência e na implantação do complexo rural, embora demonstrem alterações visíveis em detalhes técnicos e nos partidos plásticos.

Quartos e salas frontais, porta principal no eixo de simetria, cozinha nos fundos ou na lateral, incorporada à casa ou pouco distante dela. Varandas frontais, celeiros e depósitos cercando os fundos ou as laterais das casas, quartos secundários nos sótãos ou nos compartimentos posteriores. Jardins emoldurando as fachadas, hortas nos fundos ou na lateral das moradias, pastagens entre as várzeas e as colinas. As diferenças existem e são palpáveis, identificando as construções de cada etnia com suas tradições histórico/culturais – refletidas nos saberes construtivos acumulados, por povos diversos, em seus distantes locais de origem.

Muitos são os exemplares da arquitetura residencial de destaque, estudados e selecionados para tombamento por fatores tão diversos quanto a técnica e os materiais com que foram confeccionados, as especificidades das plantas, os requintes ornamentais, os resultados plásticos, as volumetrias específicas, as variadas funções a que se destinavam, as várias fases históricas que representam ou os fatos que testemunharam.

## A CASA DO IMIGRANTE E A PEQUENA PROPRIEDADE RURAL



Emoldurada pelas montanhas e cercada de vegetação, a paisagem onde está inserida a Casa Fleith, na Estrada do Pico, em Joinville, é singular.

Segundo Seyferth<sup>16</sup>, “os principais traços que distinguem a paisagem das colônias são, além do povoamento disperso e a presença de povoados que surgiram em função da distribuição dos lotes, a organização do espaço dentro das pequenas propriedades, os tipos de moradia e o desenvolvimento urbano”.

Os povoados que se formaram nas áreas coloniais concentravam as atividades tradicionais da aldeia camponesa. No entanto, a unidade econômica básica não era o povoado, nem as vilas ou cidades maiores, e sim a pequena propriedade policultora. A produção baseada na mão-de-obra familiar foi a peça-chave para o desenvolvimento e a sustentabilidade das propriedades, desde o tempo da colonização até hoje.

A manutenção e a distribuição dos espaços dentro da propriedade eram características e derivaram da necessidade de adequação do espaço do lote às atividades desenvolvidas pela família. Em geral, prevalecia uma policultura aliada à criação de pequenos animais, que garantia a subsistência da família. A isso se somava uma agricultura comercial ou uma pequena indústria caseira, que viabilizavam o sustento econômico da propriedade.

Seyferth analisa a pequena propriedade como um microcosmo que deve ser, na medida do possível, auto-suficiente. Mesmo que plante fumo, por exemplo, com o propósito de gerar lucro, a maioria dos colonos continuará mantendo o cultivo de outras plantas, uma pequena horta e a criação de alguns animais domésticos, o que o caracteriza como um tipo específico de “empresário” agrícola.

Engenhos e atafonas recebiam o rótulo de “indústrias” e eram responsáveis pelo abastecimento da colônia e, principalmente, do comércio. Tinham a maior parte da sua produção exportada para outras localidades.

Retomando a questão da composição da pequena propriedade, a família que a ocupa é geralmente formada por três gerações (os pais, um dos filhos casados e sua prole), característica de uma família camponesa tipicamente

européia e totalmente incorporada ao novo país.

A casa é a base do patrimônio construído pelos imigrantes em Santa Catarina. Assim, justifica-se uma análise detalhada das origens dos partidos estéticos e funcionais das moradias, sua adaptação ao clima e ao território, a interação com os materiais e as técnicas pré-existentes no Brasil, a influência exercida pelas tradições de imigrantes de outras etnias e, finalmente, a evolução dos partidos residenciais. Cada um dos modelos implantados nas diversas regiões e pelas diversas etnias será analisado separadamente. Na sequência, busca-se elaborar uma síntese acerca do tema da Casa dos Imigrantes em Santa Catarina, apresentando a diversidade, as características comuns e específicas, os detalhes e as soluções construtivas, as soluções de planta e os pontos em comum entre as etnias e a arquitetura luso-brasileira.

## Implantações



Propriedade Hornburg  
[POD076], Testo Alto, Pomerode.  
Implantação típica da região de  
imigrantes alemães.

As casas rurais da arquitetura dos imigrantes apresentam quase que uma única implantação, generalizada em todas as colônias, encontrada nas várias etnias e durante todo o período histórico em que foram mais fortes as influências das terras de origem dos imigrantes (entre 1850 e 1940). Estão normalmente recuadas das estradas, embora guardando estreita relação com as vias, para onde geralmente estão voltadas.

“Voltando à questão do espaço, a colônia pode ser visualizada, esquematicamente, da seguinte forma: a casa, junto à estrada; próximo à casa ficam também os ranchos que servem para estábulo, para guardar apetrechos agrícolas e como depósito, um local cercado para criação de galinhas, um chiqueiro e a horta. Este conjunto forma uma área indivisível em termos de herança, isto é, por morte ou doação dos pais, um dos filhos a recebe intacta. Às vezes existem outras construções que não fazem parte, necessariamente, deste conjunto. Trata-se dos engenhos de açúcar e atafonas, que já foram comuns nas áreas coloniais, mas que hoje são encontrados em número reduzido. Construídos junto a um córrego, pelo fato de utilizarem roda d’água foram parte importante do sistema econômico das colônias e, em algumas regiões, ainda são.”<sup>17</sup>

A regra geral é a de que a fachada principal da casa seja construída paralela à estrada, mesmo em situações onde a distância é considerável, como é o caso da Klohen [TIO010], em Timbó, da Casa Schiochett [JGS036], em Jaraguá do Sul, ou da Casa Lümke [POD014], em Pomerode.

Os acessos principais da casa costumam ser perpendiculares à via pública, para a qual estão invariavelmente voltados, além da varanda, dois dos compartimentos principais da casa: a sala e o quarto do casal.

A distância entre a casa e a rua varia grandemente. Fatores como a altura necessária para evitar inundações, as características do tipo de solo do lote, a eventual existência de vizinhos já fixados nos lotes próximos, a localização do poço e a proximidade da encosta nos fundos da casa influam na decisão final sobre a localização da moradia.

A implantação de casas e ranchos no lote são sempre em função das plantações, pastagens e a da topografia local. Mais ou menos afastadas da estrada, as casas encontram-se, invariavelmente, voltadas para o acesso principal.

- 1 - Casa com estufas de funo na região de Ibirama.
- 2 - Propriedade na estrada Pomeranos, que liga Pomerode a Timbó, no Vale do Itajaí.
- 3 e 4 - Sítio Tribess [POD065], em Pomerode. A implantação no lote é singular, guardando uma relação íntima com a topografia.
- 5 - Casa Schiochett [JGS036], em Jaraguá do Sul.
- 6 - Propriedade na Estrada Blumenau, em Joinville.



Cabanas rústicas dos primeiros moradores de “Schroedersort”, segundo ilustração de Rodowicz.

FONTE: FICKER, Carlos. História de Joinville - subsídios para uma crônica da Colônia Dona Francisca.



As primeiras acomodações dos imigrantes eram rudimentares e feitas de estruturas simples e temporárias. Na época da fundação da colônia Blumenau, foi construído um galpão rústico para instalar temporariamente os imigrantes. Esse galpão era constituído de uma estrutura enxaimel com vedações de pau-a-pique, guarnecidas de barro e cal. Conforme relatórios da Colônia, seguidamente apresentava problemas de conservação, devido à precariedade de sua construção, às chuvas e às enchentes.

Na atual Joinville, onde se implantou a Colônia Dona Francisca, a base da colonização também foi um galpão comunal, construído antes da chegada dos imigrantes pioneiros e destinado a abrigar os colonos recém-desembarcados – até que pudessem deslocar-se para seus lotes. Uma xilogravura de 1850, publicada na *Illustrierte Zeitung*, na Alemanha, em 1851, apresenta os dois primeiros ranchos da Dona Francisca cobertos por palhas, estruturado com troncos verticais aparentemente fixados no solo, com as paredes vedadas também por troncos encaixados horizontalmente.

Carlos Ficker descreve assim esses dois abrigos: “As construções eram as mais simples possíveis, à maneira nativa, feitas de troncos de palmitos ligados com cipó e cobertas com folhas de palmeiras. Um dos ranchos media 74 por 36 pés (22 x10 metros) e achava-se na pequena ilha formada pelos dois braços do ribeirão. Mais tarde, após a chegada dos colonos europeus, esse rancho foi transformado em casa de oração (igreja) e escola, assinada no primeiro mapa, publicado em 1853, com a letra “k”. A outra casa, construída ao lado oposto do ribeirão, continha divisões para seis famílias, com entradas separadas, medindo também 74 x 36 pés”.

Nessa colônia, onde os pioneiros estavam divididos em três etnias, cada uma delas abriu uma picada a partir do rancho comunal, dando início efetivo à colonização da região. O rancho dos noruegueses está representado em gravura da época e mescla técnicas construtivas como o enxaimel com o uso de toras de madeira. Demonstra um segundo estágio do pioneirismo, quando as cabanas improvisadas já davam lugar a construções sólidas – embora rústicas e, na maioria das vezes, improvisadas.

Na Colônia Brusque, que, ao contrário das duas anteriores, era um empreendimento de origem oficial, o início não foi diferente. Conta Oswaldo Cabral que “Vários cronistas que demoraram no estudo dos primór-

dios da colônia, informaram-nos que os primeiros habitantes permaneceram num rancho construído de palmitos, durante nove meses, até que pudessem tomar posse das suas terras...”<sup>18</sup>.

Depois do galpão provisório, abrigo coletivo dos primeiros dias, os colonos se dirigiam para os lotes que lhes haviam sido destinados, com frequência encontrados sem demarcação e quase sempre ainda cobertos por matas naturais. Durante a fase preliminar de instalação no lote, conforme cartas, relatos e ilustrações históricas da época, era comum a construção de uma cabana também provisória, quase uma choupana, construída com os materiais disponíveis no local, de pau-a-pique e madeira vedada com barro e fibras e coberta com folhas de palmeiras.

O Padre Raulino Raitz observa que “até o Dr. Fritz Muller, cinco vezes diplomado nas universidades da Europa, construiu assim, com suas mãos, o primeiro abrigo...”.

O abrigo primitivo marcava os tempos de pioneirismo e não podia responder senão temporariamente pelas necessidades culturais desses povos, tradicionalmente habituados a longas permanências no interior de suas residências em virtude dos rigores do clima e do inverno.

Deve-se destacar que essas construções iniciais não deixaram de contar com a contribuição do elemento luso-brasileiro, esparsamente instalado na região. Existem vários depoimentos que valorizam as lições básicas fornecidas pelos poucos habitantes das áreas em que se instalaram as primeiras colônias. Do convívio com os indígenas e das duras lições da mata, os caboclos, mestiços, que há muito habitavam a região, dominavam as técnicas indispensáveis ao convívio cotidiano com a natureza desconhecida pelos imigrantes: como saber utilizar folhas de palmeiras e ramagens vegetais para cobrir os abrigos, ervas como remédios, cipós para amarrações, fibras para trançados, técnicas de caça, animais domesticáveis, a cultura da mandioca, do milho e do feijão, entre outros cultivos, receitas com os frutos da terra, inclusive pão de mandioca, conhecimentos sobre madeiras e argilas, entre muitas outras noções de adaptação ao território.

Passada a fase de pioneirismo, que correspondia ao desmate e aos primeiros cultivos, assim que as condições permitiam impunham-se os anseios culturais e as noções de habitação trazidas do velho continente. Construía-se então a casa provisória, ainda pouco mais do que o abrigo dos primeiros



Ilustração de um dos primeiros abrigos na Colônia Dona Francisca. Estrutura de madeira, com fechamento de pau a pique e cobertura de palha.

FONTE: Ficker, 1965. pág. 77